

## A GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES

Ana Catarina da Silva Nóbrega (1); Luiza Maria Alfredo da Silva (2); Maria Renally Braga dos Santos (3); Thaylâne Creusa Rogério Silva (4); Betânia Maria de Oliveira Amorim (5)

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - [anacatarina-16@hotmail.com](mailto:anacatarina-16@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - [mariaalfredo98@gmail.com](mailto:mariaalfredo98@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - [mariaarenally1@gmail.com](mailto:mariaarenally1@gmail.com)

<sup>4</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - [thay.rogerio@gmail.com](mailto:thay.rogerio@gmail.com)

<sup>5</sup>Orientadora e Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - [betania\\_maria@yahoo.com](mailto:betania_maria@yahoo.com)

**RESUMO:** O presente artigo desenvolve-se a partir de um relato de experiência de uma oficina desenvolvida na extensão *Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes*, realizada com aproximadamente, 60 estudantes de duas turmas do 3º ano do ensino médio, de uma escola estadual situada na cidade de Campina Grande/PB, tendo como tema a gravidez não planejada na adolescência, bem como aos valores, preconceitos e tabus que permeiam essa temática. A pedagogia problematizadora preconizada por Paulo Freire se apresenta como referência do aporte teórico norteador da ação realizada, assim como as metodologias participativas, cujo foco reside em trabalhar problemas/tensões, refletindo sobre estes, para criar possíveis soluções. Neste sentido, buscamos mobilizar os estudantes para o exercício da ação-reflexão acerca do tema proposto pelos mesmos, visto que, este é um tema gerador de conflitos e tensões na escola, na família e na comunidade. Devido a falta de um espaço favorável para essa discussão na escola e na família, foi possível observar o interesse dos alunos em pensar questões atinentes à temática abordada, além de, gradativamente, tornarem-se protagonistas do processo ao serem convidados a posicionarem-se de forma crítica e reflexiva. Nessa perspectiva, avaliamos como satisfatório os dados obtidos, pois podemos reiterar o uso das metodologias participativas e do diálogo como agentes potentes para viabilizar a apreensão dos adolescentes acerca da gravidez da adolescência, assim como preconceitos, tabus, valores e crenças sociais historicamente construídas em seu entorno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência, Sexualidade, Gravidez.

### INTRODUÇÃO

A adolescência, segundo Amorim (2012), pode ser conceituada como uma invenção social-cultural que perpassa pelas construções históricas ocorridas desde o século XVIII. Considerada como um período de transições, turbulências, conflitos e busca pela identidade que necessita para esse último, de referências para constituir-se, tendo como maior influência atualmente para isso além dos pais e/ou responsáveis e grupos de amigos, a mídia.

Em busca de referências e informações para se constituir, o maior instrumento que auxilia nesse processo são as mídias sociais, que na maioria das informações transmitidas são destinadas a um modelo único de identidade do adolescente, que define seu jeito de ser, de

agir, que impõe até o que consumir nessa fase. E em relação a um dos aspectos, que nesse período apresentam maiores manifestações, a sexualidade, conforme pontua Amorim (2012) a mídia transmite informações vazias, não promovendo reflexões sobre a sexualidade e tomadas de decisões responsáveis.

Desse modo, é notável que entre os adolescentes a educação referente a sexualidade e suas manifestações ocorrem de forma velada, por reproduções do que é apreendido pelas mídias e conversações que ocorrem em corredores com amigos, o que este processo não implica em uma educação, e sim apenas um acesso a informações superficiais.

Encontra-se ainda na sociedade a reprodução do conceito de sexualidade como algo ligado ao sexo, algo estritamente biológico, e que sua discussão cabe apenas à docentes de biologia e profissionais da saúde. É então, desprezado o principal conceito de sexualidade, na qual esta se volta para as nossas manifestações sexuais e afetivas, onde Louro (2003) pontua a concepção de sexualidade como a ligação tanto com as palavras, imagens, ritual, modos de viver seus desejos e prazeres corporais, a construção da identidade de gênero e o reconhecimento de uma orientação sexual, homo, hetero ou bissexual, que está presente em nossos corpos desde o nascimento.

Diante desse cenário da sexualidade dos adolescentes, que se é pouco explorado, foi desenvolvido um projeto de extensão intitulado “*Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes*”, que oportunizou aos adolescentes um espaço para reflexões e questionamentos sobre a importância da prevenção, mudanças corporais, identidade, posturas, relações interpessoais, auto-estima, relações de gênero, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. E também, proporcionou um espaço para que o adolescente pudesse falar ou representar suas angústias, conflitos e medos, obter informações sobre a sexualidade e as questões de gênero, discutir valores, crenças e preconceitos, entre outros. Tendo assim como objetivo abordar os diversos temas que circundam a sexualidade visando a redução da vulnerabilidade dos adolescentes às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e à gravidez não planejada, bem como aos valores, preconceitos e tabus que permeiam as relações de gênero.

Partindo dessa perspectiva foram construídas oficinas que proporcionaram reflexões a partir da demanda dos estudantes do ensino médio. Dentre as que emergiram, a gravidez na adolescência, foi a temática que teve o maior número de solicitações para que houvesse o diálogo entre as facilitadoras e os estudantes.

De acordo com Dadoorian (2003) a gravidez na adolescência é compreendida como algo indesejado, e pela sociedade é focalizada como um “problema” que deve ser solucionado através da diminuição do número de gravidezes nessa população. A possibilidade encontrada para “solucionar” essa questão se volta aos programas de informação sexual. No entanto, alicerçado a essa perspectiva foi construído o projeto de extensão, pois acredita-se que esse é um dos modos de intervenção psicossocial que colabora para a tomada de decisões responsáveis dos sujeitos.

A partir disso, objetiva-se apresentar as perspectivas dos adolescentes acerca de uma oficina, com a temática da gravidez na adolescência, realizada com duas turmas do 3º ano do ensino médio em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande/PB, a partir do Projeto de Extensão *Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes*.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de um Relato de Experiência de uma oficina realizada com duas turmas do 3º ano do ensino médio, em uma escola da rede estadual da cidade de Campina Grande/PB, a partir do projeto de extensão *Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes*.

Utilizamos como técnica de facilitação, as rodas de conversas que, de acordo com Afonso e Abade (2008) possuem por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. A partir da discussão de um caso denominado de *A História de Joana*, disponível no documento *O valente não é violento* (ARRUDA e NASCIMENTO, 2015), que prevê discutir questões relacionadas a gênero, sexualidade e educação.

Para obtenção de informações mais precisas sobre o encontro, utilizamos o diário de campo, recurso que permite, segundo Frizzo (2010), a autoreflexão das ações tanto do aluno como do professor, seus altos e baixos, suas conquistas, suas vitórias, as emoções que perpassam a relação com pacientes e com a equipe do trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1. Elaboração das oficinas

A oficina foi elaborada com objetivo de discutir sobre as responsabilidades das mulheres e dos homens na decisão sobre uma gravidez; reforçar a importância dos adolescentes e jovens do sexo masculino se perceberem como responsáveis pela contracepção e o cuidado para com os/as filhos/as, bem como as mudanças ocasionadas em decorrência da gravidez não planejada

Nas duas turmas, inicialmente, os adolescentes foram divididos em grupos, com média de cinco integrantes, e a cada um foi dado uma narrativa que contava a história de Joana<sup>1</sup> de maneira que teriam quinze minutos para elaboração do desfecho desta.

### 2. Realização da oficina no 3º ano A

Participaram dessa oficina trinta alunos, sendo eles distribuídos em cinco grupos de seis alunos, de forma livre, onde cada um juntaria com as pessoas que mais tivessem afinidade, a fim de que houvesse mais abertura para discussão em questão.

Enquanto resultado, obteve-se finais muito variados, conforme a tabela<sup>2</sup>, tendo em vista a construção e concepção que cada um tem sobre a gravidez na adolescência e sobre as mais variadas temáticas que circundam o campo da sexualidade. Apresentando-se apenas em uma das histórias a gravidez não planejada de Joana, apontando um modelo tradicional daquilo que se compreende por gravidez na adolescência, nos demais, houve o diálogo e foram tomadas outras decisões que não resultaram em gravidez.

<sup>1</sup> Joana é uma menina de 16 anos. Ela está no 3º ano do Ensino Médio e tem planos para passar no vestibular e trabalhar. Sempre participou de maneira atuante nos projetos escolares. Joana é alegre, extrovertida e dinâmica, tem muitos/as amigos/as, se dá bem com todos/as eles/as. Namora com Antônio há 7 meses, há mais ou menos 3 meses eles transaram pela primeira vez, e eles usaram o preservativo. O tempo foi passando e um dia Antônio não quis mais usar a camisinha, disse que já estavam juntos fazia tempo e que ela deveria pensar em outras formas para evitar a gravidez.

Joana, então ...

Antônio responde que ...

Daí...

<sup>2</sup> Tabela de sintetização dos resultados

<b>GRUPO A</b>	Joana decide não tomar anticoncepcionais para não sofrer alterações em seu corpo, dando assim um tempo em sua relação com Antônio, pela não aceitação dele acabam o relacionamento e ela se envolve com outra pessoa que aceita a sua decisão.
<b>GRUPO B</b>	Joana não aceita a escolha de Antônio e ele diz que há falta de confiança, mas com diálogo ele a entende e continuam juntos respeitando a decisão de Joana.
<b>GRUPO C</b>	Joana dialoga com Antônio e o alerta sobre as responsabilidades da escolha, e o mesmo concorda. Aos 28 anos, depois de formada eles planejam seu primeiro filho.
<b>GRUPO D</b>	Joana começou a usar como método de prevenção o anticoncepcional, o qual Antônio não achava seguro e ela engravidou, ele então assumiu o filho e trabalhava para o sustento da casa, enquanto ela cuidava da criança e somente voltou a estudar quando o filho já tinha idade de ir a creche.
<b>GRUPO E</b>	Joana não aceita a decisão de Antônio e termina o relacionamento, ingressa na universidade e tem um futuro brilhante.

Um ponto muito importante, levantado por apenas um dos grupos, diz respeito às mudanças hormonais causadas pela pílula anticoncepcional abordada na fala da jovem, ao se recusar a usá-lo; não sendo retratado por nenhum dos outros grupos, percebido apenas como uma forma comum de prevenção, mas que no final resultou de uma gravidez indesejada.

Em quatro grupos é perceptível o final da história a partir de questões do empoderamento feminino, de decisão sobre o seu próprio corpo e do feminismo enquanto movimento político de igualdade de gênero que engloba “teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação da sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo” (TEIXEIRA, 2015, p.3).

Esse ponto, mostra ainda a questão do diálogo visivelmente apontado na maioria dos finais, sendo perceptível pelos adolescentes como de importância para as decisões no relacionamento, como a proposta da atividade desenvolvida.

É notório então, que apenas um meio de prevenção além da camisinha foi pensando, sendo ele a pílula anticoncepcional e apenas por um grupo, como já mencionado. Nota-se assim, um certo desconhecimento dos adolescentes quanto às formas de prevenção a gravidez precoce, em decorrência principalmente da falta de momentos que os coloquem a pensar sobre a questão.

Em nenhuma das histórias e tampouco nas falas, apresenta-se a preocupação com as

Doenças Sexualmente Transmissíveis, o que se mostra de modo preocupante tendo em vista que o percentual das mesmas, de acordo com a UNAIDS (2017) cresceu de 27,7 milhões de pessoas no ano 2000 para 36,7 milhões em 2016 no mundo inteiro.

No segundo momento distribuí-se para cada grupo perguntas relacionadas a gravidez na adolescência, as quais eles deveriam responder e após isso explicar a sua resposta, sendo elas: *Esta poderia ser uma história real? Por que sim ou por que não?/ Os homens jovens se preocupam em evitar a gravidez? Por que sim ou por que não?/ Os homens jovens costumam conversar com suas parceiras sobre formas de evitar uma gravidez? Por que sim ou porque não?/ O que passa pela cabeça de uma mulher jovem quando descobre que será mãe? Quais opções ela teria?/ O que passa pela cabeça de um homem jovem quando descobre que será pai? Que opções ele teria?/ O que é ser pai?/ O que é ser mãe?/ Existe diferença entre a gravidez que acontece em uma relação duradoura e uma gravidez que acontece em uma transa eventual? Se existe, quais são elas? Por quê?/ Toda gravidez que acontece na adolescência é indesejada?/ O que muda na vida de uma menina que tem um filho na adolescência?/ O que muda na vida de um menino que tem um filho na adolescência?/ De quem é a responsabilidade na hora de cuidar do filho?* (ARRUDA e NASCIMENTO, 2015)

Em formato de roda de conversa, discutiu-se sobre as questões levantadas aos grupos, de forma que foi possível construir e perceber os vários formatos e concepções da gravidez na adolescência, apontados de formas bem diversas pelos adolescentes.

As questões foram mobilizando a turma de forma diversas, comentando sobre a cultura existente na sociedade, proveniente do cristianismo, em que as mulheres devem casar e ter filhos. Também se pontuou sobre o preconceito atribuído as adolescentes grávidas, além da isenção da responsabilidade dos adolescentes sobre a paternidade, os quais não passam pelas mesmas “consequências” da gravidez não planejada.

Esse momento e discussões, foi, portanto, uma grande reflexão crítica para turma, fazendo um debate além do senso comum, os levando a compreender o que está além da gravidez em uma determinada idade, que ditam “precoce”. Uma visão macro política da questão, desse modo foi satisfatório e muito importante esse debate.

### **3. Realização da oficina no 3º ano B**

Participaram desta oficina dezesseis alunos, sendo estes distribuídos em três grupos, um com seis, um com cinco e um com quatro adolescentes. A princípio, seriam dois grupos com

cinco e outro com seis integrantes, contudo, um dos alunos desistiu de participar da atividade e os demais não quiseram sair de seus grupos afins. Em consideração ao comportamento dos adolescentes, buscou-se respeitar a escolha destes, tendo em vista o objetivo do projeto, assim como esta ser a primeira oficina realizada para com a turma.

Enquanto resultados, obteve-se que todos os grupos finalizaram a história com Joana engravidando. Em torno dessa conclusão, diversos outros temas e observações foram pontuadas, são estas: abandono dos estudos, julgamento e crise familiar como consequências negativas e o amadurecimento como consequência positiva de uma gravidez precoce, tanto para os meninos quanto para as meninas.

Um grupo, em especial, sugeriu que a personagem feminina praticasse aborto, a fim de que não abandonasse os estudos. Esta sugestão gerou um debate na sala, o qual perpassou argumentos de valores e religiosos, sendo influenciado, inclusive, pelo posicionamento de um professor que esteve presente durante parte da oficina. Entretanto, mesmo com a ausência do docente em outra parte do encontro, este último foi finalizado com a assimilação do aborto como crime e/ou assassinato.

Destaca-se que os adolescentes associaram o não uso do preservativo à gravidez, percebendo esta última como consequência de relações sexuais sem camisinha. Porém, não levou-se em consideração uma não gravidez, e nem tão pouco, a ocorrência de um possível contágio e desenvolvimento das doenças sexualmente transmissíveis, transparecendo uma não preocupação dos adolescentes com o uso da camisinha nas variadas formas de relação sexual.

Segundo Genz *et al* (2017), a adolescência é um período marcado por mudanças biopsicossociais, dentre as quais salienta-se a sexualidade, ressaltando-se a necessidade do diálogo e da troca de informações seguras, acerca não só da sexualidade, como também das consequências derivadas de relações sexuais desprotegidas ou de risco, sem uso de preservativo.

Outrossim, quando associado a gravidez para com o não uso da camisinha, visualiza-se que os adolescentes não levaram em consideração outros métodos de prevenção à gravidez indesejada ou não programada, como as pílulas anticoncepcionais, anel vaginal, dispositivo intrauterino, injeção anticoncepcional, dentre outros. Ainda, percebe-se que o pedido de Antônio foi acatado por Joana, não sendo pensado pelos adolescentes uma possível contrariedade da personagem feminina em relação a solicitação do namorado, abrindo-se aqui uma ressalva para outras discussões, como a de gênero e relacionamentos.

## CONCLUSÃO

Nesse sentido, é possível concluir, a partir dos resultados apresentados nas oficinas e discutidos aqui, que a gravidez na adolescência através da perspectiva dos estudantes não ignora as relações de gênero historicamente construídas, pois percebem, e sobretudo, ainda atribuem à mulher o papel de destaque na responsabilidade da gestação e da criação. Observamos também o desconhecimento por parte da maioria dos adolescentes acerca de outros métodos contraceptivos além do uso da camisinha masculina, assim como dos efeitos hormonais dos anticoncepcionais no corpo feminino. A posição dos alunos frente às possíveis ações da personagem Joana se divide entre a subordinação e o empoderamento sobre o próprio corpo.

O estabelecimento de um espaço que promove a discussão e convida os adolescentes a se posicionarem e refletirem sobre questões atinentes à gravidez não planejada na adolescência a partir de uma perspectiva dialógica permite perceber o interesse e as dúvidas geralmente silenciadas no ambiente familiar e escolar.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lucia Maria M.; ABADE, Flávia Lemos. Rodas de conversa. In.: AFONSO, Lucia Maria M.; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008, p. 18-40.

AMORIM, Betânia Maria de Oliveira. **Sexualidade e mídia na formação docente**. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ARRUDA, Silvani; NASCIMENTO, Marcos. Plano de aula 6 - Vulnerabilidade e Prevenção. In: ARRUDA, Silvani; NASCIMENTO, Marcos. **O valente não é violento - Planos de aula**. 2015.

DADOORIAN, Diana. **Gravidez na Adolescência: um Novo Olhar**. Psicologia Ciência e Profissão, 2003, 21 (3),84-91.

FRIZZO, K. R. Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In: SARRIERA, Jorge Castellá. SAFORCADA, Enrique Teófilo. (Org.). **Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulinas, 2010. p. 169-187.

GENZ, Niviane; MEINCKE, Sonia Maria Konzgen; CARRET, Maria Laura Vidal; CORRÊA, Ana Cândida Lopes; ALVES, Camila Neumaier. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)



comportamento sexual de adolescentes. **Revista Texto Contexto Enfermagem**, v.26, n.2, 2017, p.1-12.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1997. P.14-36.

TEIXERA, Lisiany Dantas Lopes. **Gênero, cidadania e questão social: o empoderamento feminino a partir dos programas sociais**. 14º Congresso de História da Educação no Ceará. Crato-CE, 2015.

UNAIDS. **Estatísticas globais sobre HIV**. Resumo informativo - Dia mundial contra a AIDS 2017. Disponível em: Acesso em: 09 de mar. 2018.